



ISSN: 2595-1661

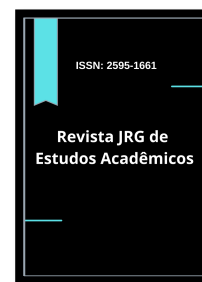
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br/)

## Revista JRG de Estudos Acadêmicos


Página da revista:


<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



### Adolescência, massas digitais e violência contra animais: diálogos entre logoterapia e psicanálise


Adolescence, digital masses, and violence against animals: dialogues between logotherapy and psychoanalysis


 DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3504

 ARK: 57118/JRG.v9i20.3504

Recebido: 09/06/2026 | Aceito: 15/06/2026 | Publicado *on-line*: 16/06/2026

#### Tales Paulino Guimarães de Sales<sup>1</sup>


 <https://orcid.org/0009-0008-9367-7518>


 <http://lattes.cnpq.br/1083358378984775>

Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe, CE, Brasil

E-mail: talespaulino10@gmail.com

#### Rodolfo de Melo Nunes<sup>2</sup>


 <https://orcid.org/0000-0003-1428-4502>


 <http://lattes.cnpq.br/4154148778084155>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), CE, Brasil

E-mail: rodolfonunes@unilab.edu.br

#### Lucas Wagner Brígido Feitosa<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0009-0005-7330-4632>

 <http://lattes.cnpq.br/3944702690009498>

Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe, CE, Brasil

E-mail: lucaswagnerbrigidofeitosa@gmail.com



### Resumo

Este estudo analisa a violência contra animais domésticos, particularmente quando perpetrada por adolescentes e reforçada por grupos virtuais, à luz da teoria das neuroses coletivas de Viktor Frankl, em diálogo com a Psicanálise. Foi realizada uma revisão narrativa da literatura, integrando obras da Logoterapia, da teoria freudiana e laciana e estudos contemporâneos sobre violência na adolescência e a relação homem-animal. Historicamente associada à desumanização e à objetificação, a crueldade contra animais é discutida à luz da Link Theory e da psicologia das massas. Os achados sugerem que, na adolescência, a identificação grupal, a diluição da responsabilidade, a denegação e a pulsão de morte podem convergir para a passagem ao ato violento, intensificada pelas dinâmicas das massas digitais. A violência é interpretada não como indiferença, mas como manifestação radical do afeto desprovida de mediação simbólica. O estudo destaca a importância da escuta clínica e de abordagens multidisciplinares que transcendam respostas meramente punitivas.

**Palavras-chave:** Violência na adolescência; Neuroses coletivas; Crueldade contra animais; Psicanálise.

<sup>1</sup> Graduado em psicologia pelo Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe.

<sup>2</sup> Graduado em Farmácia, possui mestrado e doutorado em Ciências Médicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

<sup>3</sup> Graduado em psicologia, possui mestrado em Psicologia. Professor do Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe.



## Abstract

*This study analyzes violence against domestic animals, particularly when perpetrated by adolescents and reinforced by virtual groups, through Viktor Frankl's theory of collective neuroses in dialogue with Psychoanalysis. A narrative literature review was conducted, integrating works from Logotherapy, Freudian and Lacanian theory, and contemporary studies on adolescent violence and the human-animal relationship. Historically linked to dehumanization and objectification, cruelty toward animals is discussed in light of the Link Theory and mass psychology. The findings suggest that, in adolescence, group identification, dilution of responsibility, denial, and the death drive may converge toward violent acting out, intensified by digital mass dynamics. Violence is interpreted not as indifference, but as a radical manifestation of affect lacking symbolic mediation. The study highlights the importance of clinical listening and multidisciplinary approaches that transcend purely punitive responses.*

**Keywords:** *Adolescent violence; Collective neuroses; Animal cruelty; Psychoanalysis.*

## 1. Introdução

Em uma perspectiva histórica ampla, a relação entre seres humanos e animais ocorreu de forma ambígua, moldando-se e adaptando-se continuamente à luz da utilidade atribuída aos animais, dos contextos culturais vigentes e das consequentes formas de interação estabelecidas com eles. Inicialmente, essa relação apresentava um caráter eminentemente funcional: o cão possibilitava a proteção do homem, enquanto este lhe fornecia alimentação e refúgio. Tratava-se de uma relação de ganho mútuo, que possibilitou a própria domesticação dos canídeos (SANTOS et al., 2023).

Ainda que houvesse certa proximidade entre os seres humanos e os canídeos e felinos domesticados, persistia a visão de que as demais espécies seriam inferiores à espécie humana. Ao esquecer seu próprio papel e classificação enquanto espécie animal, o ser humano passou, inclusive, a desumanizar outros seres humanos, relegando-os à condição animal de modo pejorativo (HARARI, 2015).

Com o desenvolvimento das civilizações, a relação entre seres humanos e animais tornou-se progressivamente mais próxima e estreita. Na Grécia Antiga, já havia a concepção de que um indivíduo que pratica violência contra animais poderia, potencialmente, vir a cometer agressões contra outros seres humanos. No mundo contemporâneo, essa percepção adquiriu fundamentação teórica no campo dos estudos das relações humanas, originando a chamada Teoria do Elo (ALENCAR et al., 2021).

A Teoria do Elo buscou estabelecer umnexo causal entre a violência contra animais e a prática de crimes hediondos contra seres humanos. Além disso, procurou compreender a ligação entre o comportamento violento e a relação de subjugaçãoe objetificação de espécies consideradas inferiores, analisando também os sentimentos experimentados pelo agressor nessa dinâmica de suposto poder (ASCIONE; ARKOW, 1999).

Na contemporaneidade, a relação entre seres humanos e animais passou a ser compreendida sob novas perspectivas, com maior ênfase na promoção do bem-estar entre as diferentes espécies. Contudo, paralelamente a esse avanço, observa-se um crescimento nos casos de violência contra animais domésticos. No Brasil, durante o ano de 2025, foram registrados, em média, 13 casos diários de violência contra animais, número que representou um aumento de 20% em relação a 2024. As principais notificações concentraram-se nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (SOUZA, 2026).



Em 2026, o debate sobre a violência contra animais reacendeu-se a partir de um ataque brutal, supostamente cometido por adolescentes, contra um cão comunitário no Brasil. O caso evidenciou a existência e o funcionamento de grupos virtuais que incentivam e compartilham práticas de violência contra animais, reunindo crianças, adolescentes e adultos (JARDIM, 2026). Esse contexto recoloca em pauta a discussão sobre a violência na adolescência, analisada à luz do conceito de neuroses de massa, elaborado por Viktor Emil Frankl para designar neuroses coletivas cuja principal característica é a presença de violência e drogadição (FRANKL, 2016).

## 2. Metodologia

O presente trabalho propõe-se a realizar uma leitura do fenômeno da violência contra animais domésticos à luz da teoria das neuroses de massa, elaborada por Viktor Emil Frankl, fundador da Logoterapia e da Análise Existencial. A análise será desenvolvida em diálogo com a perspectiva psicanalítica. Ressalta-se que a articulação entre abordagens teóricas de matrizes distintas justifica-se pela necessidade de conferir maior robustez e alcance multidisciplinar à investigação, possibilitando a identificação de pontos de convergência interpretativa na compreensão do objeto de estudo.

Realizar-se-á, neste trabalho, uma revisão narrativa da literatura, método adequado para descrever, discutir e analisar o desenvolvimento do objeto de estudo, com ênfase na contextualização histórica e na análise crítica do material selecionado, conforme critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Como critérios de inclusão, consideraram-se estudos teóricos ou empíricos que discutem o fenômeno da violência na adolescência, trabalhos sobre a história da relação entre homem e animal e obras que oferecem aporte teórico referente às abordagens selecionadas para a análise do fenômeno. Foram incluídas publicações em língua portuguesa, inglesa, espanhola ou alemã, disponíveis na íntegra e de acesso gratuito.

Foram excluídos estudos que abordam a violência contra animais sob escopo exclusivamente jurídico, obras incompletas e trabalhos sem relação direta com a temática proposta.

O referencial teórico foi constituído por obras da Logoterapia e da Análise Existencial, incluindo dois livros de Viktor Emil Frankl acerca das neuroses coletivas, bem como por textos fundamentais da Psicanálise, especialmente produções de Sigmund Freud e de autores posteriores. Esses referenciais orientaram a análise da psicologia das massas, da violência, da pulsão de morte, da denegação e do ato. Também foram utilizados livros que abordam o desenvolvimento psíquico na adolescência e a tendência grupal, além de obras de referência e dicionários especializados em psicanálise, com finalidade de apoio conceitual.

Complementarmente, analisaram-se artigos científicos publicados em periódicos nacionais indexados nas áreas de psicologia, saúde e ciências veterinárias, localizados em bases eletrônicas como SciELO, PePSIC e Brazilian Journals. Ademais, foram incluídas três matérias jornalísticas publicadas no ano de 2026, utilizadas exclusivamente para contextualizar o fenômeno social na contemporaneidade, sem prejuízo da centralidade do referencial teórico. Ao todo, o trabalho contou com quatorze livros, cinco artigos científicos e três matérias jornalísticas.

No que tange à psicanálise, é imprescindível destacar que seu aporte teórico não se desvincula do exercício da troca entre pares nem da prática clínica da escuta, uma vez que essa disciplina nasce do exercício clínico e do tratamento. Assim, a metodologia adotada reconhece que a elaboração teórica é simultaneamente possibilitada e limitada pelo ofício clínico. Se a teorização caminha isoladamente, pode transformar-se em dogma



e perder sua vinculação com a ciência; por outro lado, se a prática se desenvolve desconsiderando a teorização — que, desde Freud, se estrutura por meio da metapsicologia como recurso conceitual —, corre-se o risco de reduzir o caso à sua singularidade inefável, sem contribuição para a construção científica da área. Portanto, pesquisar em psicanálise implica não dissociar prática clínica e teoria (CANCINA, 2008).

Considerando as escolhas metodológicas e as singularidades das linhas teóricas adotadas, o percurso do texto organiza-se da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se um breve panorama histórico da relação entre homem e animal; em seguida, delimita-se o recorte do estudo, centrado na adolescência contemporânea, entendida como ponto estratégico para a abordagem das neuroses de massa; posteriormente, adentra-se o campo da psicologia das massas, tendo em vista que, nesse contexto, os afetos tendem a manifestar-se de forma exacerbada, enquanto o pensamento crítico pode apresentar-se inibido, o que torna o estudo da violência particularmente pertinente. Na sequência, examina-se como esse fenômeno pode estar articulado à denegação, aspecto que pode se revelar perigoso por mascarar a pulsão de morte. Por fim, nos resultados da investigação, discute-se como o fenômeno pode ser interpretado como um possível endereçamento, esboçando-se, ainda, a escuta clínica desse fenômeno sem dissociá-la da teorização.

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1 Violência e Alteridade: A Relação Homem-Animal ao Longo da História

Estima-se que a convivência entre seres humanos e animais domésticos tenha se iniciado há pelo menos cem mil anos, a partir do cão doméstico, considerado um dos primeiros animais domesticados na ancestralidade humana. Essa relação foi marcada pela reciprocidade e por ganhos mútuos, como o auxílio na caça e na obtenção de alimentos. Progressivamente, o vínculo não se restringiu aos canídeos, passando a abranger também os felinos há cerca de dez mil anos, período em que a agricultura adquiriu centralidade nas grandes civilizações e a presença de espécies que auxiliassem na proteção dos alimentos tornou-se cada vez mais necessária (PAULINO; SARKIS, 2024).

Para além do auxílio na coleta de alimentos, destaca-se a hipótese de que o aspecto primordial da domesticação dos cães tenha sido sua capacidade de colaborar na caça de grandes animais e atuar como guardiões e protetores dos agrupamentos humanos. No que se refere aos felinos, entretanto, não há consenso claro quanto às motivações iniciais de sua domesticação (PAULINO; SARKIS, 2024).

Observa-se, nesse percurso histórico, uma transformação da posição humana: de caçador isolado para companheiro e tutor das espécies que lhe ofereciam subsídio e auxílio. Contudo, a relação entre homem e animal oscilou entre aproximação e distanciamento ao longo das eras, chegando a servir como justificativa simbólica para a violência humana por meio da desumanização do outro.

Segundo Harari (2015), a desumanização possibilita não apenas a dominação, mas também a exploração de grupos considerados inferiores sob critérios raciais ou de classe. Tal processo sustenta expressões pejorativas que rebaixam o ser humano à condição animal de forma ofensiva, tanto ao humano quanto ao animal, desconsiderando a própria natureza biológica compartilhada entre as espécies.

Mesmo diante da crescente proximidade contemporânea entre humanos e animais domésticos, a relação entre violência contra animais e violência contra seres humanos permanece historicamente articulada. Já nas civilizações gregas, acreditava-se que a crueldade dirigida a animais poderia indicar predisposição à violência contra pessoas. Essa percepção contribuiu para a formulação da necessidade de proteção aos animais não apenas por altruísmo, mas também como estratégia de proteção social (PULZ, 2022).



Pulz (2022) destaca estudos que indicam uma possível relação causal entre violência contra animais e violência interpessoal. Dois aspectos são frequentemente apontados: crianças que agredem animais tendem a apresentar comportamentos violentos na vida adulta; além disso, a agressão a animais pode sinalizar a existência de ambientes domésticos marcados por violência.

Nesse contexto, emerge a Teoria do Elo (ou Teoria do Link), que busca estabelecer um nexos entre maus-tratos a animais e práticas criminosas contra seres humanos, ampliando a discussão para o campo da saúde pública e coletiva (ALENCAR et al., 2021).

De acordo com Ascione e Arkow (1999), ambientes caracterizados por violência contra mulheres e crianças frequentemente incluem também a vitimização de animais, configurando uma dinâmica cíclica de violência que impacta todos os membros do contexto familiar. A crueldade contra animais pode, inclusive, configurar um dos primeiros sinais do transtorno de conduta na infância, reforçando a importância de ambientes familiares seguros que promovam vínculos baseados em respeito e responsabilidade. Quando tais comportamentos são negligenciados ou estimulados por figuras de autoridade, a tendência à violência pode ser intensificada, especialmente entre meninos (SILVA et al., 2024).

Pesquisa realizada por Silva et al. (2024) aponta predominância masculina nos relatos de violência contra animais, sugerindo maior envolvimento de homens em práticas violentas contra sujeitos vulneráveis, ainda que o fenômeno não se restrinja a um único gênero. O estudo também revelou que 96,73% dos participantes (89 de 92) reconhecem que animais tendem a ser vítimas em contextos de violência doméstica, evidenciando a recorrência dos maus-tratos nesses ambientes.

Para aprofundar a análise do fenômeno no contexto brasileiro, recorre-se à tipologia proposta por Minayo (1990), que classifica a violência em três categorias principais. A primeira é a violência estrutural, derivada das desigualdades sociais e das condições históricas que produzem exclusão, como fome, desemprego e discriminação de raça, gênero e idade. Trata-se de uma violência naturalizada e banalizada ao longo do tempo. A segunda é a violência de resistência, caracterizada pela mobilização organizada de grupos oprimidos em busca de transformação social, frequentemente interpretada pelas estruturas dominantes como desordem. Por fim, a violência de delinquência refere-se aos crimes propriamente ditos, incluindo comportamentos sádicos.

O sadismo, descrito como padrão comportamental duradouro associado ao prazer no sofrimento alheio, envolve desejo de dominação, impulsividade e busca por afirmação, podendo ser reforçado por grupos de pares com condutas semelhantes. Embora frequentemente associado à violência contra seres humanos, o sadismo também se manifesta na agressão a animais (SILVA, 2022).

Em 2026, ganhou destaque a investigação do chamado zoosadismo, entendido como a obtenção de prazer a partir da violência e tortura de animais. O fenômeno adquiriu repercussão nacional após a morte do cão comunitário “Orelha”, supostamente torturado por quatro adolescentes, que já teriam histórico de agressões a outros animais. O caso evidenciou a existência de comunidades virtuais que relativizam e incentivam práticas violentas, configurando um fenômeno de alcance global (DW, 2026).

Conforme reportado pela BBC (PINA, 2026), o aumento da violência contra animais também revela a facilidade de acesso de crianças e adolescentes a grupos virtuais que promovem tortura, muitas vezes sem o conhecimento dos responsáveis. Tais grupos, ocultos em jogos e aplicativos populares, apresentam estrutura hierárquica, discurso de ódio e sistemas de recompensa baseados no sofrimento de terceiros, reforçando práticas violentas tanto contra humanos quanto contra animais.



Esse sistema de influência, que articula agressão individual e legitimação coletiva da violência, aproxima-se do que Viktor Emil Frankl denomina neuroses coletivas. Para o autor, tais neuroses configuram patologias do espírito de uma época, manifestando-se, entre seus principais sintomas, por meio da violência, da drogadição e do suicídio (FRANKL, 2016).

### 3.2 A contextualização do adolescente contemporâneo e as neuroses de massa

Para a análise dos fenômenos neuróticos coletivos na perspectiva de Frankl (2016), é necessário, inicialmente, distinguir as neuroses em *stricto sensu* das chamadas neuroses coletivas. No sentido estrito, a neurose refere-se a quadros de origem psicogênica, isto é, a manifestações clínicas decorrentes de conflitos intrapsíquicos — emocionais, relacionais ou inconscientes — tradicionalmente abordados no âmbito da psicoterapia e da psiquiatria.

Ultrapassando essa perspectiva clínica, a Logoterapia propõe a compreensão de neuroses de origem metaclínica ou paraclínica, entendidas como quase-neuroses ou fenômenos pré-clínicos. Essas manifestações não se restringem ao indivíduo isolado, mas encontram-se associadas ao comportamento das massas, configurando aquilo que Frankl denomina neuroses coletivas (FRANKL, 2016).

Frankl (2016) classifica as neuroses coletivas em quatro atitudes fundamentais, consideradas sintomáticas do espírito da época (*Zeitgeist*):

a) **Atitude existencial provisória:** originada no contexto das grandes guerras, caracteriza-se pela vivência exclusiva do presente, sem perspectiva de futuro. Tal postura favorece a impulsividade e o enfraquecimento da responsabilidade existencial (FRANKL, 1990).

b) **Atitude fatalista perante a vida:** diferencia-se da postura provisória por assumir uma crença rígida na inevitabilidade dos acontecimentos. O sujeito adota posição passiva, abstendo-se de agir por considerar inútil qualquer tentativa de transformação (FRANKL, 1990).

c) **Pensamento coletivista:** manifesta-se quando o indivíduo transfere à massa a responsabilidade por seus próprios atos, evitando confrontar sua culpa e responsabilidade existencial. Há, nesse movimento, diluição da autoria das ações (FRANKL, 2016).

d) **Fanatismo:** entendido como desdobramento extremo do pensamento coletivista, caracteriza-se pela objetificação do outro e pela negação de sua singularidade. O fanático subordina o outro à sua própria causa, reduzindo-o a instrumento de satisfação ideológica (FRANKL, 2016).

Nesse contexto, a violência é apresentada por Frankl como um dos sintomas centrais das neuroses coletivas. O sujeito, experienciando um vazio existencial, busca compensações que o afastem da responsabilidade pessoal, seja por meio do entorpecimento químico, seja por meio da adesão acrítica a grupos ou ainda pela prática violenta como tentativa ilusória de preenchimento existencial. Tais atitudes tendem a retroalimentar-se de forma cíclica. Conforme afirma Frankl:

“Como puderam comprovar pesquisadores de comportamento da escola de Konrad Lorenz, a agressividade que é desviada para objetos inofensivos (para a tela de uma televisão, por exemplo) e neles deve ser descarregada, na realidade é antes provocada ali e, como um reflexo, acaba sendo ainda mais intensificada” (FRANKL, 2016, p. 21).

A canalização de impulsos agressivos, característica das neuroses de massa, tende a ser reforçada pelos grupos aos quais o sujeito pertence. Na adolescência, tal fenômeno



assume contornos específicos, uma vez que essa fase do desenvolvimento é marcada pela busca de pertencimento e identificação grupal — fenômeno descrito como tendência grupal por Aberastury e Knobel (1989).

Corroborando a perspectiva de Ascione e Arkow (1999), segundo a qual há relação entre violência vivenciada no ambiente doméstico e agressão a animais, Fonte e Uzeda (2012) destacam que o grupo familiar exerce papel fundamental na constituição da personalidade. Contudo, na adolescência, ocorre um distanciamento progressivo do núcleo familiar e uma intensificação da busca por validação em grupos extrafamiliares. Tais grupos podem exercer influência estruturante semelhante à da família, moldando valores, crenças e comportamentos.

Nesse movimento de identificação grupal, pode emergir a diluição da responsabilidade individual, especialmente quando o pertencimento ao coletivo passa a justificar condutas violentas. O sujeito, ao terceirizar o pensamento e a responsabilidade ao grupo, manifesta traços do pensamento coletivista descrito por Frankl (2016).

Pesquisas recentes e reportagens jornalísticas indicam que comportamentos radicais e violentos vêm sendo simbolicamente associados a status e virilidade entre crianças, adolescentes e adultos. Tais práticas são frequentemente reforçadas por grupos com estrutura hierárquica interna, que estabelecem sistemas de recompensa para membros que executam atos violentos. Dados apontam 80 mil denúncias de agressão a animais vinculadas a uma coalizão internacional composta por 45 organizações de defesa animal, sendo 36% dessas denúncias originadas de grupos e postagens em redes sociais populares (TRAIANO, 2026).

Ao considerar a dinâmica grupal e o desencadeamento da violência, observa-se a terceirização da responsabilidade pelos atos praticados, acompanhada do reforço coletivo e do sintoma fanático, no qual o outro — neste caso, o animal — é completamente objetificado e destituído de reconhecimento como ser singular. O indivíduo submerso nas neuroses coletivas busca pertencimento em grupos radicais, mas, simultaneamente, distancia-se da responsabilidade ética e da capacidade propriamente humana de reconhecer a alteridade. Nesse processo, ocorre despersonalização e encobrimento no vazio existencial, com conseqüente denegação da violência e da responsabilidade pelo ato (FRANKL, 2016).

### 3.3 A massa e a violência

Outro referencial fundamental para o presente estudo é a Psicanálise. Para abordarmos o fenômeno por essa perspectiva, é necessário considerar três aspectos centrais: (1) seu método de pesquisa singular; (2) a indissociabilidade entre psicologia individual e psicologia social; e (3) o fato de que, na obra freudiana, o conceito central não é “adolescência”, mas puberdade.

A Psicanálise constitui, simultaneamente, método de tratamento, método de investigação e construção teórica. Ela inaugura uma forma específica de produção de saber: cada caso clínico convoca uma elaboração singular, o que impede generalizações precipitadas. O método da atenção flutuante e da escuta clínica exige cautela interpretativa, evitando o risco da chamada “psicanálise selvagem” — sintetizada na expressão popular “Freud explica” (CANCINA, 2008).

A metodologia psicanalítica articula prática (a experiência singular da análise), clínica (a interlocução entre pares) e teorização (a elaboração metapsicológica posterior à escuta). A dissociação desses elementos compromete a disciplina. Desde Freud, o método clínico e a leitura do social estão intrinsecamente vinculados. Como afirma no início de *Psicologia das massas e análise do eu*:



“A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente.” (FREUD, 2011 [1921]).

No que se refere ao desenvolvimento, Freud utiliza o termo puberdade para designar o período posterior à latência, momento em que retornam os impasses edípicos e se reatualizam formações sintomáticas que podem acompanhar o sujeito na vida adulta. A travessia edípica sustenta a construção de uma fantasia inconsciente que organiza o desejo (GOLDBERG, 2021). A fantasia, nesse sentido, foi denominada por MD Magno como a “impressão digital do inconsciente” (MAGNO, 2021 [2019], p. 235).

O inconsciente, para a Psicanálise, não se divide entre individual e coletivo. Tal premissa é essencial para compreender a massa: o Eu constitui-se a partir de identificações, restos e lutos, estruturando-se em relação aos modelos oferecidos pelo coletivo. Na massa, há intensificação do afeto e inibição do pensamento; ela é impulsiva, volúvel e excitável, tornando-se perigosa diante da oposição direta (FREUD, 2011 [1921]).

Quando o afeto intensificado é tratado de modo denegatório e o pensamento permanece inibido, o resultado pode ser explosivo. A violência emerge, então, como ato que explicita o afeto sem mediação simbólica.

Na puberdade, reativam-se as funções parentais do complexo edípico, e conflitos aparentemente superados retornam sob novas formas. A adolescência configura-se como momento disruptivo, marcado pela reorganização das identificações e pela reconfiguração da relação com a autoridade. Freud (2011 [1921]) destaca o papel do amor na constituição da massa, frequentemente mediado pela figura do líder. Na adolescência, pode-se observar também a reatualização do amor e da transferência dirigidos às funções parentais.

A violência, nesse contexto, não expressa indiferença ao afeto; ao contrário, constitui forma de manifestação do afeto no ato, frequentemente com consequências estruturantes para a vida do sujeito. A reação social a esses atos — particularmente no chamado “tribunal das redes sociais” — assume frequentemente caráter punitivo e jurídico, evocando a dimensão da lei e da função paterna. Há, assim, um apelo reiterado à autoridade, que reverbera a própria dinâmica violenta da massa.

### 3.4 A denegação da violência e a pulsão de morte

Diante de acontecimentos que expõem a violência de maneira explícita, torna-se fundamental abordar o mecanismo psíquico da denegação (*Verneinung*). Segundo Corrêa (2009), a denegação participa da gênese do psiquismo humano e opera na introdução da diferença e da alteridade. Diferentemente do recalque (*Verdrängung*), que consiste na exclusão de uma representação da consciência, a denegação permite que o conteúdo recalçado seja reconhecido intelectualmente, ainda que o afeto correspondente permaneça rejeitado.

Nesse movimento, instaura-se a operação de juízo: algo inicialmente repellido pode ser admitido no plano intelectual, sem que seja plenamente simbolizado afetivamente. Freud (1948 [1925]) observa que a denegação sucede a ação de expulsão (*Ausstößung*), mecanismo necessário para a constituição do mundo exterior por meio da projeção. O que é percebido como hostil ou estranho é expulso e situado fora do Eu. Nesse sentido, o adolescente agressivo pode ser compreendido como aquele que encarna o retorno do que foi simbolicamente expulso.

A violência, ao irromper na cena social, evidencia a presença da pulsão de morte. Quanto mais se tenta erradicar ou negar o aspecto destrutivo do psiquismo — inclusive



por meio da criação de realidades idealizadas —, mais se dificulta a elaboração simbólica necessária para lidar com ele. A pulsão de morte, conforme formulada por Freud em *Além do princípio do prazer*, aponta para uma tendência à redução de tensão que, paradoxalmente, conduz à repetição e à destruição.

Lacan retoma essa formulação ao desenvolver a noção de gozo, dimensão que ultrapassa o princípio do prazer. A compulsão à repetição manifesta-se como obstáculo ao equilíbrio imaginado pelo sujeito e evidencia que o saber sobre si não é plenamente acessível à consciência. Segundo Guerra et al. (2021, p. 135), “a violência é modo radical do gozo se manifestar, na medida em que a pulsão de morte é sua invariante”.

Na adolescência, período marcado por ruptura e reconfiguração da relação com o Outro, a violência pode surgir como tentativa de inscrição subjetiva. A clínica, orientada por uma ética do desejo, busca possibilitar a separação simbólica necessária à constituição do sujeito. Conforme destacam Guerra et al. (2021, p. 137), “a qualidade do Outro determina a qualidade e a possibilidade da separação — operação necessária à adolescência. Na falta de uma separação pela via do desejo, o sujeito pratica sua alienação pela via dos atos.”

Diferentemente do espaço clínico, que se orienta pelo acolhimento e pela elaboração, a resposta social à violência tende a reproduzir o circuito agressivo. A violência, nesse sentido, adquire caráter sistêmico, evocando desamparo e intensificando a lógica de exclusão. Tal dinâmica reforça a importância de uma abordagem que não apenas condene o ato, mas busque compreender seus determinantes subjetivos e coletivos.

### 3.5 Endereçamento e suposição subjetiva para escuta clínica

Segundo Chemama (1995, p. 40), Lacan pontua que “o que especifica o homem é que ele depende, para suas necessidades mais essenciais, de outros homens, aos quais o liga o uso em comum da palavra e da linguagem”. De modo diverso do mundo animal, o mundo humano impõe que o sujeito demande, que ele encontre palavras. Nesse endereçamento, há uma distância com relação à necessidade, de forma que estamos na via do desejo, havendo uma falta estrutural (o que se recebe não é, rígida e exatamente, o que se pede, por exemplo). O reconhecimento do Outro importa de forma que o desejo do sujeito falante é o desejo desse lugar, havendo uma vinculação entre desejo e linguagem.

Explicitamos esse aspecto para poder considerar o ato violento como um ato feito por um sujeito que participa da linguagem, não incorrendo numa análise clínica apressada. Uma suposição possível é de que tal ato apresenta um endereçamento. Caso contrário, poderemos cair em leituras que não possibilitam uma análise, menos ainda um tratamento da situação. O analista precisa ser “indiferente”, mas não no sentido que geralmente as pessoas utilizam essa palavra. “Indiferença é equiprobabilidade eventual e equivalência moral.” (MAGNO, 2007 [2005], p. 191). Não se escuta só flores na clínica; inclusive, é muito espantoso ter várias pessoas querendo percorrer tal caminho de escuta. Postura insuportável de ser mantida por longos períodos, essa de se colocar em atenção equiflutuante; o analista acolhe, nessa postura, como equiprovável e moralmente equivalente o que surgir. O que quer que compareça exhibe que indiferenciar não é desinteresse, e sim “hiperinteresse” (MAGNO, 2007 [2005], p. 192).

Quando há um material manifesto dessa ordem, há uma possibilidade de uma urgente investigação (pesquisar, o que estamos fazendo aqui agora) e um tratamento, os quais podem trazer resultados científicos. Dessa forma, temos os três elementos citados por FREUD na definição de psicanálise: investigação, tratamento e ciência.

Psicanálise é o nome: 1) de um procedimento para a investigação



de processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis; 2) de um método de tratamento de distúrbios neuróticos, baseado nessa investigação; 3) de uma série de conhecimentos psicológicos adquiridos dessa forma, que gradualmente passam a constituir uma nova disciplina científica. (FREUD, 2011 [1923], p. 274)

O tratamento pode permitir, e isso é uma aposta que se coloca, que a transferência opere de modo que a pessoa, para além do gozo, consiga se aperceber de sua trilha desejante, isto é, de que o sujeito é barrado; apercepção importante principalmente nesses casos extremamente covardes em que já se notou muito cedo a violência e a furada que é a lei, que é o Outro.

#### 4. Conclusão

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam que a violência contra animais domésticos, especialmente quando protagonizada por adolescentes e potencializada por grupos virtuais, não pode ser compreendida como fenômeno isolado ou meramente delituoso. Historicamente articulada à desumanização e à objetificação do outro, essa violência revela-se vinculada tanto à Teoria do Elo quanto às neuroses coletivas descritas por Viktor Emil Frankl, nas quais se destacam o pensamento coletivista, o fanatismo e a diluição da responsabilidade individual. A análise psicanalítica, por sua vez, permite compreender como a intensificação do afeto na massa, a inibição do pensamento crítico, a denegação e a pulsão de morte podem convergir para a passagem ao ato, particularmente em um período de reconfiguração subjetiva como a adolescência. Nesse cenário, a violência aparece não como indiferença ao afeto, mas como sua manifestação radical e pouco simbolizada.

Conclui-se, portanto, que enfrentar o fenômeno exige uma abordagem que ultrapasse respostas exclusivamente punitivas ou jurídicas, integrando dimensões existenciais, subjetivas e coletivas. A escuta clínica, orientada por uma ética do desejo e pela suposição de um endereçamento no ato, apresenta-se como possibilidade de reinscrição simbólica da violência, favorecendo a responsabilização sem reduzir o sujeito ao seu ato. Ao articular Logoterapia e Psicanálise, o estudo propõe uma leitura multidisciplinar capaz de reconhecer tanto o vazio existencial que atravessa as neuroses de massa quanto os mecanismos psíquicos implicados na agressividade. Assim, compreender a violência contra animais na adolescência implica reconhecer sua inserção em uma dinâmica social mais ampla, na qual pertencimento, poder, gozo e responsabilidade se entrelaçam, convocando intervenções que promovam sentido, alteridade e elaboração simbólica.

#### Referências

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ALENCAR, A. L. F. et al. Teoria do elo: relação entre maus-tratos a animais e violência doméstica no município de Boa Vista/RR nos anos de 2018 e 2019. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 38514-38528, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28202>. Acesso em: 2 fev. 2026.
- ASCIONE, Frank R.; ARKOW, Phil. *Child abuse, domestic violence and animal abuse: linking the circles of compassion for prevention and intervention*. Indiana: Purdue University Press, 1999.
- CANCINA, P. H. *La investigación en psicoanálisis*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2008.



- CHEMAMA, R. Dicionário de psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- CORRÊA, I. Da tropologia à topologia. 2. ed. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2009.
- DW. Zoosadismo: morte do cão Orelha expõe redes online de tortura de animais. O Povo, 30 jan. 2026. Disponível em:  
<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2026/01/30/zoosadismo-morte-do-cao-orelha-expoe-redes-online-de-tortura-de-animais.html>. Acesso em: 2 fev. 2026.
- FONTES, B. C.; UZEDA, F. C. A. A adolescência: o processo de afastamento familiar versus tendência grupal e a construção da identidade. Revista Letrando, Bahia, v. 1, 2012.
- FRANKL, V. E. Psicoterapia para todos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- FRANKL, V. E. Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial. São Paulo: É Realizações, 2016.
- FREUD, S. Die Verneinung. In: FREUD, S. Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag; London: Imago Publishing Co., Ltd., 1948. Trabalho originalmente publicado em 1925.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. Obras completas, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Trabalho originalmente publicado em 1921.
- FREUD, S. "Psicanálise" e "teoria da libido". In: FREUD, S. Obras completas, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Trabalho originalmente publicado em 1923.
- GOLDBERG, L. Freud: uma introdução à clínica psicanalítica. São Paulo: Edições 70, 2021.
- GUERRA, A. M. C. et al. Violência, ato e adolescência: o que pode um psicanalista? In: MOREIRA, J. de O.; ROSA, M. D. Violência e psicanálise: atualizações intersaberes. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2021.
- HARARI, Yuval Noah. Homo Deus: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- JARDIM, Lauro. Caso Orelha: Polícia Civil de SP é acionada para apurar grupos online que incentivam violência animal. O Globo, 30 jan. 2026. Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2026/01/caso-orelha-policia-civil-de-sp-e-acionada-para-apurar-grupos-online-que-incentivam-violencia-animal.ghtml>. Acesso em: 2 fev. 2026.
- MAGNO, M. D. Clavis universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica: falatório 2005. Rio de Janeiro: Novamente, 2007.
- MAGNO, M. D. SóPapos 2019. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2021.
- MINAYO, M. C. de S. A violência na adolescência: um problema de saúde pública. Cadernos de Saúde Pública, v. 6, n. 3, p. 278-292, set. 1990.